

AD MI NIS TRA ÇÃO:



Estudos organizacionais e sociedade

Elói Martins Senhoras
(Organizador)


Atena
Editora
Ano 2021

AD MI NIS TRA ÇÃO:



2

Estudos organizacionais e sociedade

Elói Martins Senhoras
(Organizador)


Atena
Editora
Ano 2021

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Administração: estudos organizacionais e sociedade 2

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Bruno Oliveira
Indexação: Gabriel Motomu Teshima
Revisão: Os autores
Organizador: Elói Martins Senhoras

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A238 Administração: estudos organizacionais e sociedade 2 /
Organizador Elói Martins Senhoras. – Ponta Grossa -
PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-433-4

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.334211709>

1. Administração. I. Senhoras, Elói Martins
(Organizador). II. Título.

CDD 658

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, desta forma não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de e-commerce, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

A construção do campo de estudos em Administração tem passado por uma crescente produção incremental de pesquisas em diferentes partes do mundo em razão das rápidas transformações da realidade social, razão pela qual o presente livro surge para ampliar os debates temáticos com um enfoque pluralístico e fundamentado na riqueza empírica da realidade de um conjunto de estudos de caso.

Esta obra, intitulada “Administração: Estudos organizacionais e sociedade 2”, apresenta uma rica agenda de análises que valorizam a riqueza empírica da realidade administrativa em sua concretude, valorizando no trabalho de campo a construção de reflexões e novos conhecimentos que podem eventualmente corroborar para o avanço das fronteiras científicas, sem um necessário comprometimento com paradigmas ou teorias de *mainstream*.

O objetivo da presente obra é analisar a realidade empírica das organizações e do desenvolvimento organizacional por meio de uma triangulação metodológica de levantamentos bibliográficos com estudos de casos que é funcional para despertar a replicação de uma reflexão crítica sobre a construção do conhecimento científico em Administração com base na análise da realidade.

Caracterizado por uma natureza exploratória, descritiva e explicativa quanto aos fins e uma abordagem quali-quantitativa, este livro foi estruturado pela conjugação de uma lógica convergente no uso do método dedutivo a fim de possibilitar divergentes abordagens teórico-conceituais para abordar a realidade empírica dos relatos de experiência e dos estudos de caso, assim resultando em uma pluralidade de debates.

Os 18 capítulos apresentados neste livro são oriundos de uma reflexão empírica construída por um conjunto de profissionais oriundos de distintas Instituições de Ensino Superior do Brasil e do exterior, corroborando assim para a expansão das fronteiras do conhecimento com base em um trabalho construído coletivamente com várias mãos e buscando difundir a pluralidade de pensamento.

Em nome de todos os pesquisadoras e pesquisadores envolvidos neste livro, comprometidos com o desenvolvimento científico dos estudos administrativos, convidamos você leitor(a) para explorar conosco, neste rico campo epistemológico, toda a riqueza empírica da nossa realidade organizacional contemporânea, pois urge a necessidade de avançarmos com análises mais abertas ao debate e à pluralidade teórico-metodológica.

Excelente leitura!

Elói Martins Senhoras

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

ORGANISATIONAL DEVELOPMENT. A GENERAL OVERVIEW

Tulio Barrios

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3342117091>

CAPÍTULO 2..... 17

CONSULTORIA EMPRESARIAL E MOTIVAÇÃO COMO FERRAMENTAS DE DESENVOLVIMENTO ORGANIZACIONAL

Diego Felipe Borges Aragão

Francisco Lucas de Sousa

Francisco Antônio Gonçalves de Carvalho

Ana Maria Soares de Sousa

Marcelo Araujo de Sousa

José Santana da Rocha

Neila Pio de Moraes

Neilany Araújo de Sousa

Luzia Rodrigues de Macedo

Maysa Mayanne Moraes de Moura

Thaíla Dália de Sousa Lacerda

Davir Rodrigues dos Santos Filho

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3342117092>

CAPÍTULO 3..... 28

POLÍTICAS SOCIAIS E DIFERENCIAIS NO DESENVOLVIMENTO: MUNICÍPIOS DE FRONTEIRA E NÃO FRONTEIRIÇOS

Edemar Rotta

Ivann Carlos Lago

Daniela Moraes de Lima

Neusa Rossini

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3342117093>

CAPÍTULO 4..... 44

SOCIEDADES COOPERATIVAS PRODUCTORAS Y SU FUNCIÓN EN LA VULNERABILIDAD SOCIAL EN LA CIUDAD DE MÉXICO

Ana Luz Ramos-Soto

Igor Rivera

Denise Díaz de León

Jovany Arley Sepúlveda Aguirre

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3342117094>

CAPÍTULO 5..... 56

PRODUCTIVIDAD DE LAS TIC Y DISPARIDAD DEL DESARROLLO ECONÓMICO LOCAL EN LAS MUNICIPALIDADES PERUANAS, 2015-2019

Teófilo Lauracio Ticona

Jarol Teófilo Ramos Rojas

José Luis Morales Rocha
Mario Aurelio Coyla Zela
Solime Olga Carrión Fredes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3342117095>

CAPÍTULO 6..... 75

O EFEITO “LAVA JATO” NO MERCADO DE CAPITAIS E NA TAXA DE CÂMBIO

Vanessa Martins Valcanover
Paulo Sérgio Ceretta

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3342117096>

CAPÍTULO 7..... 87

CONSELHO DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO: CONTRIBUIÇÕES E AÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO REGIONAL DE MARINGÁ - PR

Cibele Mantovanni
Luciano Ferreira de Lima
Juliane Sachser Angnes
Marcos Roberto Kuhl

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3342117097>

CAPÍTULO 8..... 100

REFLEXOS DO COVID - 19 NA RECEITA TRIBUTÁRIA DOS MUNICÍPIOS MAIS POPULOSOS DO ESTADO DO PIAUÍ

Francinildo Carneiro Benicio
Anderson Lopes Nascimento
Augusta da Rocha Loures Ferraz
Cristiana Aragão Marques Correia Lima
Júlio da Silva Oliveira
Kelsen Arcângelo Ferreira e Silva
Gisele Leite Padilha
Ana Luiza Carvalho Medeiros Ferreira
Antônio Vinícius Oliveira Ferreira
Lennilton Viana Leal

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3342117098>

CAPÍTULO 9..... 134

DESENVOLVIMENTO RENDAS PETROLIFERAS: OS DESAFIOS DO PLANEJAMENTO NA ESCALA LOCAL

Irenice Aparecida Nunes de Sousa Deodato
Valdir Júnio dos Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3342117099>

CAPÍTULO 10..... 148

SOCIEDADE EM REDE: UM ESTUDO DAS RELAÇÕES ENTRE OS MEIS DO MUNICÍPIO DE TRÊS LAGOAS

Raquel Prediger Anjos
Cleonice Alexandre Le Bourlegat

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.33421170910>

CAPÍTULO 11..... 163

A EMPRESA JÚNIOR COMO GRANDE LABORATÓRIO PRÁTICO DO CONHECIMENTO E DA GESTÃO EMPRESARIAL NA FORMAÇÃO ACADÊMICA

Brenda Avany Gomes Braga

Leandro Reis Santana

Venicius Lucas dos Santos

Willias Santos da Silva

Meire Ane Pitta da Costa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.33421170911>

CAPÍTULO 12..... 171

CONOCIMIENTO DE LA DIMENSIÓN SOCIOAMBIENTAL Y CONFLICTOS EN LA GESTIÓN DEL ESPACIO UNIVERSITARIO

Aloisio Ruscheinsky

Josep Trenc Esplugas

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.33421170912>

CAPÍTULO 13..... 181

LA EDUCACIÓN EN ACADEMIAS COMERCIALES EN ZACATECAS, MÉXICO: TESTIMONIOS DE SU IMPORTANCIA COMO MEDIO DE INSERCIÓN LABORAL Y MOVILIDAD SOCIAL PARA LAS MUJERES

José Roberto González Hernández

Yolanda Guadalupe González Carrillo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.33421170913>

CAPÍTULO 14..... 196

POLÍTICAS PÚBLICAS DE AÇÕES AFIRMATIVAS COMO FERRAMENTA PARA A REDUÇÃO DA DESIGUALDADE SOCIAL: UM DIAGNÓSTICO NO IFMA CAMPUS SANTA INÊS

Genilton Luis Freitas Marques

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.33421170914>

CAPÍTULO 15..... 212

“BATEU, LEVOU!”: ESTUDO SOBRE A VIOLÊNCIA ENTRE ADOLESCENTES ESCOLARES NO ESTADO DE MINAS GERAIS

Cledinaldo Aparecido Dias

Vilma Oneide Dias

Kever Bruno Paradelo Gomes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.33421170915>

CAPÍTULO 16..... 226

INCLUSÃO SOCIAL ATRAVÉS DA INTEGRAÇÃO DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA: UM ESTUDO DE CASO DAS CONTRIBUIÇÕES DO GERENCIAMENTO DE PROJETOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL E ENSINO FUNDAMENTAL DE ESCOLAS PÚBLICAS SITUADAS

EM UM MUNICÍPIO DO ESTADO DE MINAS GERAIS

Michel Lopes França Chaves

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.33421170916>

CAPÍTULO 17.....236

IMPLANTAÇÃO DE RASTREABILIDADE EM UM HOSPITAL GERAL, AVALIAÇÃO A PARTIR DOS PROCESSOS DE TRABALHO

Lucicleide Maria de Azevedo Campelo

Theo Duarte da Costa

Rodrigo d'Avila Vieira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.33421170917>

CAPÍTULO 18.....249

MODALIDADES DE REMUNERAÇÃO MÉDICA EM AMBIENTE HOSPITALAR: NA BUSCA POR UM MODELO SUSTENTÁVEL

Eric Ettinger de Menezes Junior

Daniel Souza Ferreira Magalhães

Emerson Flamarion Cruz

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.33421170918>

SOBRE O ORGANIZADOR.....266

ÍNDICE REMISSIVO.....267

LA EDUCACIÓN EN ACADEMIAS COMERCIALES EN ZACATECAS, MÉXICO: TESTIMONIOS DE SU IMPORTANCIA COMO MEDIO DE INSERCIÓN LABORAL Y MOVILIDAD SOCIAL PARA LAS MUJERES

Data de aceite: 01/09/2021

Data de submissão: 11/07/2021

José Roberto González Hernández

Unidad Académica de Contaduría y
Administración de la Universidad Autónoma de
Zacatecas. México
ORCID ID: 0000-0003-0081-7056

Yolanda Guadalupe González Carrillo

Directora de capacitación de la Secretaría
de las Mujeres de Gobierno del Estado de
Zacatecas. México

RESUMEN: El presente estudio se centra en un análisis histórico del papel de la educación comercial como opción preponderante y pionera de la inserción laboral y movilidad social de las mujeres en Zacatecas, México en el siglo pasado y cómo se desarrolló este modelo educativo hasta su desaparición como opción de formación en el estado. Para ello se ha hecho uso de fuentes secundarias, datos estadísticos y testimonios hemerográficos, además de la revisión de evidencias en acervos documentales particulares y públicos, que permiten contextualizar los orígenes de los estudios comerciales en Zacatecas. Se presentan testimonios de egresadas de academias comerciales del estado de Zacatecas en los que se resalta cómo el estudio de una carrera comercial modificó sustancialmente las trayectorias de vida de muchas mujeres y de su descendencia al permitirles una alternativa de acceso a la vida

laboral.

PALABRAS CLAVE: Educación comercial, trabajo femenino, academias comerciales, movilidad social.

EDUCATION IN COMMERCIAL ACADEMIES IN ZACATECAS, MEXICO: TESTIMONIES OF ITS IMPORTANCE AS A MEAN OF LABOR INSERTION AND SOCIAL MOBILITY FOR WOMEN

ABSTRACT: The study focuses on a historical analysis of the role of technical commercial education as a preponderant and pioneering option for labor insertion and social mobility for women in Zacatecas, Mexico in the last century and how this educational model was developed until its disappearance as an educational training option in this state. For this, secondary sources, statistical data and hemerographic testimonies have been used, in addition to the review of evidence in private and public documentary collections, which allow contextualizing the origins of commercial studies in Zacatecas. Testimonies from graduates of technical commercial academies in Zacatecas state are presented, highlighting how studying a technical commercial career substantially modified the life trajectories of many women and their offspring by allowing them an alternative access to working life.

KEYWORDS: Commercial technical education, Female work, Commercial academies, Social mobility

1 | INTRODUCCIÓN

La incorporación de las mujeres a la esfera laboral y educativa es una realidad, están presentes casi en todos los ámbitos laborales y en todos los niveles educativos. Este suceso es resultado de un proceso histórico en el que aún queda mucho por indagar. El presente trabajo, que forma parte de una investigación más amplia, pretende ser una aportación a la historia de la educación e historia de las mujeres, ya que revisa una de las opciones educativas femeninas en la que poco se ha profundizado: los estudios comerciales. Se revisa cómo durante el siglo pasado los estudios comerciales se convirtieron en uno de los pocos recursos educativos que facilitaron la inserción laboral y la movilidad social de las mujeres en México. Tomando al estado de Zacatecas como referencia de análisis, muestra la importancia histórica de estos estudios como elemento fundamental en la capacitación de cientos de mujeres zacatecanas que, gracias a ellos, se insertaron en la esfera laboral, principalmente en los llamados trabajos de oficina y con ellos tuvieron acceso a una mejora sustancial de su nivel de vida y de sus descendientes. Algunos de los testimonios de estas mujeres se representan como evidencia de este fenómeno. Para este trabajo se recopilaron datos estadísticos, evidencias hemerográficas y testimonios orales que permitieron llegar a la conclusión de que el estudio de una carrera comercial constituyó un medio de mejora de nivel de vida de quienes los cursaron, especialmente para las mujeres.

2 | MARCO TEÓRICO

En el aspecto educativo, la división sexual ha jugado un papel preponderante ya que históricamente se ha educado tanto a hombres como a mujeres de forma diferenciada y en espacios diferenciados, de acuerdo con Sánchez se debe a la influencia sociocultural (2003, 244). La construcción de género es pues un aspecto importante que hay que considerar en la elección de profesiones que hacen los hombres y las mujeres (SÁNCHEZ, 2003, p.153), y ha sido consecuencia de

...la función social de la escuela como instancia de reproducción legitima la permanencia de la división genérica de profesiones y oficios, práctica que propicia la ubicación de las mujeres en oficios y profesiones ad hoc a su condición de género. (SÁNCHEZ, 2003, p. 136)

La educación, por tanto, de manera sutil e imperceptible define la orientación vocacional de las personas. La misma autora entiende este proceso como un asunto multifactorial, en donde el nivel de ingresos, la escolaridad y ocupación de los padres además del lugar de residencia, resultan determinantes en las oportunidades educativas:

De ahí que las oportunidades educativas y la capacidad de permanecer y concluir los estudios en el sistema escolar se encuentran pautadas por las condiciones estructurales y culturales más que por la voluntad y deseo del educando. (SÁNCHEZ, 2003, p. 138)

Por esa razón, hay una concentración de mujeres matriculadas en campos del

conocimiento concretos, en el caso que ocupa el presente trabajo, los estudios comerciales.

El enfoque teórico del presente trabajo aborda la problemática desde la educación y capacitación. Se parte de la premisa de que el acceso a la educación permitió a las mujeres integrarse a nuevos espacios de actuación, que en el caso de la educación comercial sería el acceso al trabajo remunerado en oficinas (GUTIÉRREZ, 2013). Además, el acceso a estos empleos acarrió para algunas de ellas independencia económica y movilidad social. La perspectiva de trabajo verifica la hipótesis de que el mayor nivel de instrucción y capacitación de las mujeres trae por consecuencia una mayor participación laboral. La relación entre trabajo femenino y nivel de instrucción y/o capacitación es poco abordada en la literatura sobre el tema y los estudios que la establecen resaltan la importancia que tiene el nivel de estudios y la capacitación en la incorporación, permanencia y desplazamiento de las mujeres de un sector económico a otro, de un trabajo a otro o de un nivel jerárquico a otro. Este enfoque es útil, en tanto permite observar cómo es que la especialización en una tarea, en este caso las tareas de oficina, puede abonar para la permanencia de las mujeres en un espacio que es demandado por los varones. El proceso de feminización de estos espacios laborales iniciado a finales del siglo XIX se vio cristalizado en los años treinta y no pudo ser revertido, sino que se reforzó a través de una mayor demanda de especialización que, a su vez, requería mayor instrucción y capacitación. La educación comercial facilitó el acceso de las mujeres a estos requerimientos.

González plantea que al estudiar el trabajo femenino hay que considerar la influencia que tienen en las mujeres trabajadoras distintos ámbitos relacionados con la construcción del género tales como la fecundidad, el estado civil, la edad, la educación y la familia, ya que estos factores son condicionantes para la permanencia en los espacios laborales; aduce también que, al realizar estudios sobre mujeres trabajadoras, se traslapan aspectos puramente económicos con demográficos, culturales, históricos, psicológicos, etc., lo que hace de la actividad laboral femenina un problema multidimensional (1997,p.200).

3 I BREVE RESEÑA HISTÓRICA

Para el análisis histórico de los estudios comerciales en Zacatecas se inicia su revisión desde las primeras academias comerciales instaladas en el estado a principios del siglo pasado y hasta el año 2015 en que se cerró el último programa de educación comercial. En este periodo esta opción educativa vivió cuatro etapas: génesis, consolidación, auge, declive y cierre.

Génesis

En Zacatecas al igual que en la capital de la república las primeras instituciones encargadas de impartir educación comercial aparecen durante el porfiriato. Desde 1905 y hasta 1947 se puede dar seguimiento a unas 22 academias comerciales en el estado. Entre todas, la más destacada sin duda fue la Escuela Normal para Profesoras y Profesores que

se constituyó como el pilar público de la enseñanza comercial en Zacatecas, a pesar de que la preparación comercial era complemento de la labor de formación de los futuros maestros. Uno de los aspectos dignos de destacar es que la Escuela Normal Mixta fue la encargada de validar los estudios comerciales realizados en los establecimientos particulares del estado, siempre y cuando se sujetaran al plan de estudios vigente.

Desde sus orígenes la educación comercial se sostuvo de los y las jóvenes que iban de las localidades rurales a las cabeceras municipales o a la capital del estado. Por ejemplo, en la capital zacatecana, jóvenes de las localidades aledañas venían a inscribirse a las academias comerciales capitalinas; querían aprovechar las ventajas que ofrecía este tipo de educación que prometía insertarse de manera rápida al trabajo y la naciente estructura de servicios parecía ser el sitio adecuado para esos fines.

En la década de los cincuenta, en Zacatecas no era sencillo tener un título profesional, por tanto, las y los jóvenes zacatecanos tenían que optar por las alternativas educativas que estaban a su alcance, aquellas que no implicaban un desembolso oneroso para sus familias y que les permitieran insertarse en un corto plazo al trabajo productivo.

Lo anterior va de la mano con los cambios a nivel nacional pues desde 1940 y hasta 1958 la economía comenzó un proceso de terciarización. Marina Chávez comenta que el fenómeno de la terciarización y el empleo femenino van unidos y asienta que el arribo de las mujeres de clase media con mayor escolaridad ha propiciado la feminización de los mercados laborales. Lo que argumenta la autora es que a partir de los sesentas las mujeres vivieron un cambio profundo en las normas sociales. Al referirse a la escolaridad de las mujeres comenta que: “La mayor escolaridad de las mujeres es la base sobre la cual se ha cimentado su entrada y permanencia en el mundo laboral” (2010, p. 64).

Consolidación

Entre 1950 y 1965 se establecen y consolidan la mitad de las academias que operaron en el estado durante el periodo de auge (unas 20 academias). Su expansión territorial permitió el acceso a jóvenes de distintos municipios a la educación para el trabajo en los crecientes servicios públicos y privados de poblaciones pequeñas y cabeceras municipales. Hacia 1965 existían academias al menos en 6 municipios del estado: Jerez de García Salinas, Fresnillo, Guadalupe, Zacatecas, Jalpa y Calera de Víctor Rosales.

A nivel local como a nivel nacional el acceso a “espacios masculinos”, donde el empleado (varón) era relacionado con el trabajo intelectual (habilidad mental) tuvo una relación estrecha con el grado de estudios y la capacitación de las mujeres, aun así, una vez capacitadas se consideraba que las mujeres sólo ejecutaban un trabajo mecánico y repetitivo. Sin embargo, las mujeres comenzaron a trabajar con mayor frecuencia como empleadas, y el trabajo de oficina se enunció cada vez más femenino (LÓPEZ, 2003).

De la misma manera que el trabajo en las fábricas se consideró adecuado para las mujeres cuando se necesitó de mano de obra y la profesora aceptada cuando faltó personal

docente, se descubrió que la destreza, paciencia, y docilidad de las mujeres las hacía idóneas para la oficina (BENÉT, 1972). Sin embargo, fueron estrictamente seleccionadas, y como el salario otorgado fue menor, el ahorro fue grande al contratar mujeres. Ello estimuló aún más su utilización en las labores de oficina.

Por otro lado, existía la creencia que el matrimonio y la maternidad provocarían el abandono del trabajo asalariado, lo que le daba la característica de temporalidad al trabajo desempeñado (QUEIROLO, 2012). Por tanto, se creó la idea de que el trabajo femenino era un complemento en lo salarial, era provisional en la vida de la mujer y secundario en sus tareas de género. A estos supuestos se añaden el que las mujeres en el trabajo eran más baratas y menos productivas que los hombres, y que solo eran aptas para el trabajo en ciertos periodos de vida (cuando eran jóvenes y solteras) además de que solo eran idóneas para ciertos tipos de trabajos (no cualificados, eventuales y de servicio) (SCOTT, 2005).

Bajo estas consideraciones, luego de su consolidación como opción educativa y de integración laboral de numerosas mujeres mexicanas y zacatecanas, las academias vivieron alrededor de treinta años de auge en su matrícula, vinculación productiva y prestigio social.

Auge

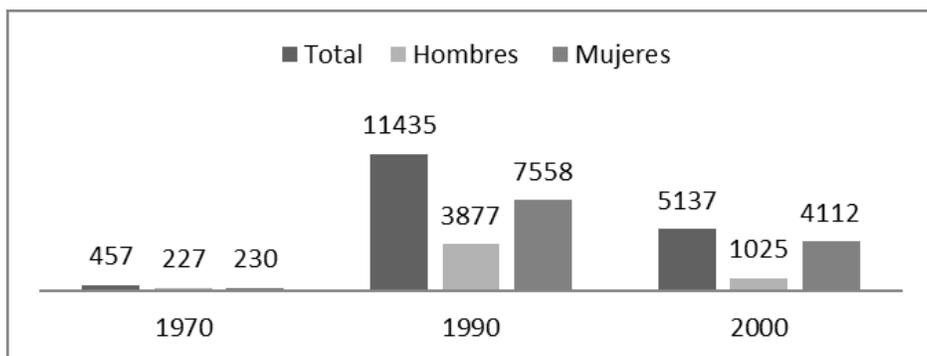
De 1966 a 1995, durante su etapa de auge las academias tuvieron su máxima matrícula pues llegaban a tener en promedio 50 alumnos por grupo. La implementación de políticas de control de la natalidad, cambios incipientes en materia de igualdad formal, el grado de urbanización que cambió al país o la vertiginosa expansión del sector servicios que absorbió a los jóvenes egresados de las academias fueron factores que permitieron la proliferación de instituciones de educación comercial privadas y del alumnado que eligió esta opción educativa. Así las mujeres fueron incrementando su participación de manera sustancial en los ámbitos educativos y laborales, en estos últimos predominantemente en el sector servicios.

En lo local el crecimiento del número de academias y de su alumnado se explica también porque abren escuelas en localidades donde las opciones de profesionalización eran remotas.

En el periodo auge operaban 43 academias comerciales en todo el estado, tanto de sostenimiento privado como público. Estas academias se distribuían en las áreas urbanas o cabeceras municipales más importantes. Este hecho garantizaba dos cualidades de los estudios comerciales que los hicieron tan exitosos: la accesibilidad y el ahorro. Estas cualidades se acrecentaban tratándose de las alumnas mujeres que vivían en cabeceras municipales o localidades rurales alejadas, pues la inversión en su educación no era aún del todo aceptada (sobre todo si había que trasladarse a la capital estatal), además de que, en el largo plazo, se consideraba gasto inútil dada la conversión casi segura de las mujeres hacia el mundo del hogar y cuidados familiares.

Hacia inicios de los años ochenta la matrícula se disparó. Las academias con más población estudiantil llegaban a tener hasta 200 alumnos, es el caso de la Academia Sor

Juana Inés de la Cruz de Zacatecas y la Academia Pitman de Guadalupe. El egreso de hombres y mujeres de las carreras comerciales fue significativo, como puede verse en la Gráfica 1, así como también se puede observar la feminización de este tipo de estudios y, por ende, de la ocupación.



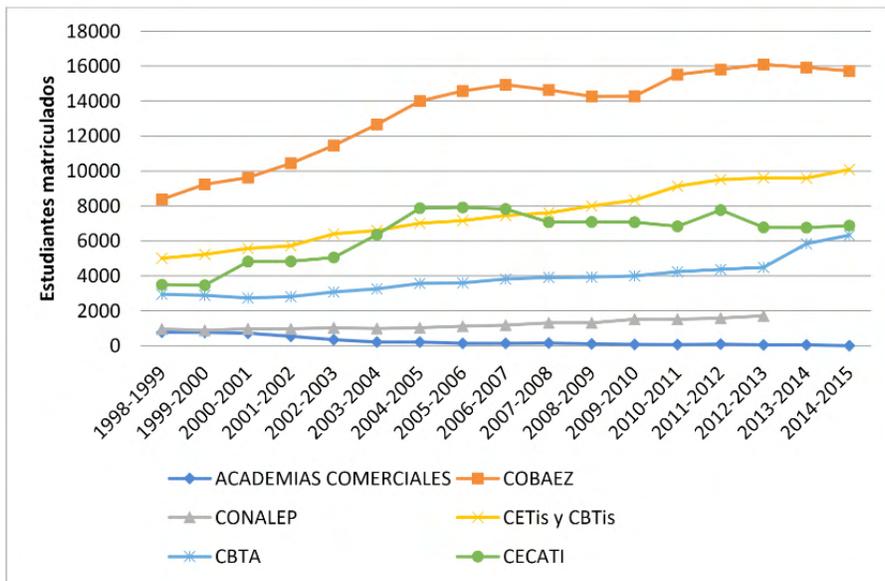
Gráfica 1. Evolución de la población con estudios comerciales en Zacatecas (1970-2000).

Elaboración propia: Fuente: INEGI (2005).

Declive y Cierre

A partir de 1995 comienza la etapa de declive, la revolución tecnológica está en marcha, los mercados laborales se modifican con la consolidación de las políticas neoliberales y la globalización, pero un elemento fundamental que provocaría el declive de la educación comercial provino desde el mismo sector educativo. Las academias comerciales resintieron fuertemente la creación de bachilleratos tecnológicos con opciones terminales. A la par de la caída de la matrícula de las academias de antaño, se instalaban en las cabeceras municipales planteles del llamado bachillerato tecnológico, en el que se cursaba la preparatoria con una opción terminal o carrera técnica que convertía al joven egresado en un técnico especializado y con opción de continuar su educación superior si le era posible. Entonces ya no era necesario desplazarse hasta la capital si se tenía la intención de cursar la preparatoria, en miras de continuar con una carrera profesional.

La Gráfica 2 pretende ilustrar el desarrollo de este proceso de sustitución al mostrar cómo los estudiantes de bachillerato tecnológico y otras carreras técnicas terminales (COBAEZ, CETis, CBTis, CBTA, CECATI, CONALEP) aumentan considerablemente en el estado mientras aquellos que optaron por estudios comerciales disminuyen hasta su extinción.



Gráfica 1. Desarrollo de la matrícula de los Bachilleratos Tecnológicos y de las Academias Comerciales en el estado de Zacatecas (1998-2015).

Elaboración propia. Fuente: Estadísticas de Capacitación para el Trabajo y Bachillerato Tecnológico, Departamento de Estadística, Subsecretaría de Planeación y Apoyos a la Educación, SEDUZAC.

A partir de 1996 las academias comerciales enfrentaron un acelerado declive que las llevó a una larga agonía que concluyó en el cierre total de esta opción educativa. De 1996 a 2008 cerraron 26 academias, el equivalente al 57.8% del total histórico del auge que, aunado al 24.4% de clausuras en la etapa anterior, totalizan la desaparición del 82.2% de las academias que alguna vez fueron pilar de la educación de las mujeres.

De acuerdo con los registros oficiales en 2016 aún continuaban vigentes las claves de ocho academias. La última academia en tener alumnos inscritos para la instrucción comercial fue la Academia Comercial América del municipio de Noria de Ángeles en el ciclo escolar 2014-2015, último ciclo lectivo de existencia de esta opción educativa. Algunas de las academias con clave vigente continúan su tarea educativa, pero ofreciendo sólo educación preparatoria.

Al final, el auge de las secretarías formadas en las academias comerciales había terminado, no sin dejar sensaciones de tristeza entre quienes entregaron gran parte de su vida a las instituciones que les educaron. Rafael Montes así lo denota:

Poco a poco, la tecnología ha desplazado a las secretarías; [...] fue la tecnología la que acabo con las secretarías, con esas que estaban capacitadas para suplir inclusive al jefe en caso de emergencia, aquellas que sabían hablar inglés, que podían tomar dictados con taquigrafía y escribir una carta con una mecanografía impecable sin ver la hoja, sin corregir, sin faltas de ortografía, que sabían contestar una llamada telefónica, pero sobre todo

4 I TESTIMONIOS DE EGRESADAS DE LAS ACADEMIAS

Para la realización de este trabajo se realizaron 16 entrevistas a distintos actores de la educación comercial en Zacatecas entre fundadores de academias, exmaestros y egresados y egresadas de academias. Los testimonios de las egresadas reflejan entre otras muchas cosas, la influencia paterna o materna al optar por los estudios comerciales, la renuncia al sueño de estudiar otra carrera, las dificultades para trasladarse, pagar sus colegiaturas, sus inicios laborales, las complicaciones a las que tuvieron que enfrentarse debido a la decisión o la necesidad de ser esposas y/o madres trabajadoras, la renuncia o la permanencia en el ámbito laboral, así como el reconocimiento de que el resultante de haber realizado estos estudios fue en su momento, el único sostén económico familiar.

Las entrevistadas vivieron en carne propia la difícil transición de ser una niña que estudia para insertarse de forma temprana a un ámbito laboral, donde los puestos de decisión eran y aún son ocupados generalmente por varones. Se sienten afortunadas de haber optado y/o culminado “aunque sea” una carrera comercial. Algunas de las entrevistadas alcanzaron a beneficiarse de los beneficios de un Estado que brindaba estabilidad laboral a través del otorgamiento de bases e integración a los sindicatos, lo cual trajo beneficios a futuro, quedando protegidas en los períodos de crisis, las transiciones tecnológicas y la demanda de nuevos perfiles laborales y, sobre todo, al auge de las credenciales.

Es recurrente en los testimonios cómo el aspecto económico incidía en la decisión de optar por los estudios comerciales, era preferible pagar dos o tres años una colegiatura, que invertir en tres años de secundaria, dos de preparatoria y cinco de carrera profesional universitaria.

Por motivos de espacio para este artículo se presentan solo algunos fragmentos de los testimonios obtenidos.

El primer testimonio es de Laura de 54 años quien realizó sus estudios comerciales de 1974-1977 (durante la etapa de auge), es originaria de una localidad rural de Zacatecas. Hija de campesinos, resalta en su relato como tuvo la necesidad de trasladarse de su localidad hacia la ciudad de Zacatecas para poder realizar sus estudios comerciales:

Soy hija de un campesino y vivíamos en una comunidad, yo me venía de allá, pero me estaba los ocho días aquí con una tía, muy buena persona, ella nos veía a mí y otras primas como si fuéramos sus hijas, nos compraba de todo. Nosotros éramos muy pobres, en aquel entonces no teníamos ni para zapatos, traíamos unos zapatos bien ¡uhhh!, y regalados a veces; mi abuelita era la que nos compraba ropa porque la verdad mi papá como campesino no buscaba otra forma de vida; él solamente se limitaba a tener lo que había en el rancho, en la comunidad, nada más. Por ejemplo, la siembra, era lo único que había, nada más frijol y tortilla era lo que comíamos. [...] La idea de entrar a la academia fue mía, yo quería estudiar, a mí siempre me llamó mucho

la atención el estudio, es que, una prima hermana más grande que yo, ella estudió en la academia, incluso yo le veía sus libretas tan acomodadas, ¡tan bonitas! que a mí me llamaba mucho la atención. (Laura, Entrevista personal, abril 2014)

Para Laura, aunque le gustaba mucho lo que aprendió en la academia, lo que más recuerda fueron las dificultades para el pago de sus colegiaturas y aunque no recuerda el monto de lo que cobraban centra su relato en el aspecto de las carencias económicas:

Mi papá se acomodó y empezó a trabajar en la construcción y-él empezó a traer dinero; ya de ahí empezamos a vivir de una manera un poco diferente. Entonces él me empezó a dar para los libros. Pero (al principio) puros apuntes, porque yo para libros, no tenía, ya después como en segundo año él empezó a darme para la colegiatura, pero siempre me acuerdo que me retrasaba y batallaba. [...] Igual que otras, en ese tiempo, no sólo era yo, eran varias las que batallaban con la colegiatura. Nos mandaban allá apartito, “venga para acá necesito hablar con usted”, ya sea Lupita porque era la encargada de cobrar las colegiaturas, la hija, o también la misma directora, la señora Nico, así le decíamos la señora Nico; y entonces nos decía que ya estábamos retrasadas y ya p’os nosotros le hacíamos la lucha; me acuerdo que yo creo era mi tía la que me daba. [...] Tenía uno muchas carencias, no salía uno hasta de la misma ropa, la lavaba uno y se la volvía a poner, porque no tenía, al menos yo no tenía ropa, entonces con muchísimas carencias estudié la academia. Y luego estaban los de tercer año y yo los veía y decía, ¿cómo me veré yo?, ¿si llegare a terminar el tercer año?, gracias a dios si lo terminé. Mi título es de Contador Privado. (Laura, Entrevista personal, abril 2014)

En principio el caso de Laura es un ejemplo de la importante captación de alumnado por parte de las academias de jóvenes provenientes de las áreas rurales del estado. Pero lo más importante es que ella fue una de las jóvenes que aprovechó esta educación para lograr integrarse a las filas de la clase media zacatecana y a las áreas urbanas.

Laura desde que culmina sus estudios se quedó en la cabecera municipal de Guadalupe, a vivir y a laborar, nunca regresó a su comunidad. A pesar de que obtiene su título de Contador Privado, nunca ejerció como tal, los trabajos que desempeñó los realizó con la función de Secretaria y aunque al casarse un año después de haber terminado sus estudios y ya trabajando, decide retirarse del ámbito laboral, la necesidad económica y el alcoholismo de su esposo la obligó a reinsertarse, convirtiéndose en una mujer casada, madre y trabajadora.

En voz muy baja hace referencia que a pesar de que ha estado laborando por muchos años en la Presidencia Municipal de Guadalupe ahora ha sido desplazada de sus funciones como secretaria por una persona más joven. Ahora encargada de la atención al público, del turno vespertino en la biblioteca espera pacientemente con su tejido en la mano, su jubilación.

El segundo testimonio resalta cómo las egresadas comenzaban a mejorar las condiciones de vida de su familia entera, hasta que llega el matrimonio y los hijos. En este caso, estudiar la academia comercial fue también un gran apoyo cuando al decidir

divorciarse debe sacar adelante a sus hijos. También se denota que su deseo de ser médica se desvaneció por limitaciones económicas y por los dominantes papeles de género. La entrevistada Graciela agradece a sus estudios haber podido aportar a su familia y ser medio de independencia económica y personal:

En mi primer trabajo no recuerdo cuánto ganaba, pero no era mucho, cuando empecé a trabajar en la Secretaría ganaba \$465 pesos quincenales, pero llegué a ganar millones cuando aún no se le quitaban los ceros al peso. Cuando era soltera y trabajaba daba dinero a la casa, comencé a comprar cosas para el entretenimiento de todos, compré una tele, un estéreo, música, y mis hermanas como no trabajaban se les hacía un mundo que yo llegara con música, me pedían de un disco y de otro. [...] Cuando estaba casada gastaba mi dinero en el hogar porque mi ex marido siguió con su vicio y sólo trabajaba para él, así que yo amueblé la casa a mi gusto y veía las necesidades del hogar y me empecé a desligar y llegamos al divorcio. (Graciela, Entrevista personal, abril 2015)

Graciela hace un reconocimiento a esta preparación, como un medio que tuvo para insertarse en la esfera laboral y poderse jubilar y, en general, poder salir adelante:

Le agradezco a los estudios comerciales y a la insistencia de mi padre, gracias a eso estoy jubilada, nunca lo toma uno en cuenta, ya hasta que ve la situación, las consecuencias y aun que mi ideal hubiera sido ser médico, mínimo de enfermera, no alcanzaba la economía, pero esto me ha dejado a mí satisfacciones por que encontré la contabilidad, a lo mejor si me hubieran manejado por ese lado había sido también muy satisfactorio. (Graciela, Entrevista personal, abril 2015)

Por otro lado, no se encontró testimonio en contra de la utilidad de lo aprendido en las academias, todas las entrevistadas coincidían que en estos centros educativos aprendían cosas que en el trabajo se utilizaban, esto les daba una ventaja para insertarse en el mundo laboral y ampliar sus expectativas de vida.

Fue ahí en la academia (aun estudiando) cuando de BANCOMER (Banco de Comercio) fueron a solicitar una persona que supiera taquigrafía, ahí fue cuando yo me quedé a trabajar [...] y, muy bonito, me gustó mucho la mecanografía y ahí (en mi trabajo) estaba aprendiendo, aprendiendo y aprendiendo. [...] Llegué a ser la secretaria del gerente en el banco, sí, estuve muy contenta. [...] Todo lo que aprendí en la academia me sirvió mucho sí, ahí me sirvieron, pero bien, por eso duré, porque las cartas, los oficios, a archivar nos enseñaron perfectamente, entonces era sencillo tener todo rápido lo que solicitaban en la oficina. Es muy bonito trabajar. (Ana, Entrevista personal, mayo 2015)

A Ana en la obtención de su primer empleo se le practicó un examen de conocimientos en donde todo lo aprendido en la academia le ayudó a conseguirlo, el aprendizaje en su trabajo y sus conocimientos la llevaron a ocupar el puesto más deseado: “ser la secretaria del gerente”.

Como se puede leer entre líneas en los anteriores testimonios las egresadas de la carrera comercial se insertaban rápidamente al trabajo, la apertura de instituciones públicas

y bancos en los años 50's y 60's en Zacatecas beneficiaron y facilitaron la consecución de empleos:

Integrarme al trabajo fue muy rápido, 15 días, yo salí feliz y encantada de todo lo que había vivido esos tres años y convencida de que me había gustado, fue nuestra graduación en julio, en agosto iban a abrir el CETis 113 y empecé a trabajar de secretaria, [...] a los 16 años empecé a trabajar en el Banco de Comercio (BANCOMER). [...] Yo fui y solicité, habíamos ido mi mamá y yo a hacer un depósito, me latió subí al área de Recursos Humanos, llené mi solicitud, al día siguiente hice mi examen, a la semana que había hecho mi examen me hablaron [...] Yo iba a ser secretaria de la Gerencia y cajera de apoyo. Me adapté rápidamente [...] me entusiasmaba el hecho de que iba a trabajar, me daba mucha ilusión, tanto que de momento ya no pensé en seguir estudiando, me gustaba lo que estaba haciendo, había terminado por gustarme lo que había estudiado. (Alejandra, Entrevista personal, julio de 2014)

Sin embargo, a pesar de obtener trabajos que les alcanzaban a remunerar de forma adecuada, su vida laboral se complicaba con el matrimonio y la llegada de los hijos, lo que hace su permanencia en los espacios laborales aún más loable.

Yo agarré mi trabajo luego, luego. Terminé la academia y agarré mi trabajo a los 17 años, agarré base, entonces yo apoyé a mi hermana para que continuara estudiando. A ella se le facilitaron más las cosas. A los ocho años de trabajo fue cuando me casé, entonces tenía también otro trabajo en la recepción de (el hotel) Paraíso Caxcán, tenía doble plaza, una del estado y otra federal. A las cuatro entraba al hotel y salía a las 11 de la noche, pero yo me embarazo casi luego luego que me casé, y ahí empezaron las dificultades, se me hizo difícil la maternidad, hasta tenía que llevarme los niños al trabajo, me levantaba, cambiaba mi niño y ahí voy con él a la escuela. Cuando mi esposo pierde su trabajo fue todo muy difícil, [...] pero mi mamá nos apoyó mucho, de manera incondicional; cuando nos casamos ambos teníamos dobles sueldos, pero ¡no guardamos!, gastábamos a diestra y siniestra, honestamente. Y cuando esto sucede empezamos a batallar. Él se viene a Zacatecas porque le ofrecieron un trabajo, y fue muy difícil porque haga de cuenta que teníamos dos casas y él me dice "mija, renuncia, para que te quedes con los niños", y yo dije ¿renunciar?, yo le dije "mira, si el sueldo que te van a pagar solventa entonces sí, si no, pues no". Y veíamos que no. Yo busco y hago mi solicitud de cambio a Zacatecas. (Cristina, Entrevista personal, junio de 2015)

Cristina continúa trabajando aun luego de más de treinta años de experiencia como secretaria de una escuela pública en Zacatecas.

Recurrente es también el hecho de que las mujeres entrevistadas aspiraban a estudiar disciplinas imposibles para su condición económica y para las apreciaciones de papel de las mujeres en su tiempo. Sin embargo, la insistencia de los padres y en especial de las madres permitieron que entraran a la academia comercial como un medio de asegurarles un futuro sin tantas privaciones.

Cuando nosotros estábamos en la secundaria, mi mamá todas las tardes nos mandaba a estudiar taquigrafía y mecanografía, [...] porque en las tardes mi tía Lanchita daba clases extras para personas que sólo deseaban aprender

taquigrafía y mecanografía; hubo gente que de allí salió de con ella directo a un trabajo, a un ¡buen trabajo!, [...] muchísimas en la Universidad. Nos mandaba todas las tardes a aprender porque a ella le gustaba y a nosotros pues, también nos gustó, estudiar eso. [...] tendría unos 16 años, yo estaba en la secundaria. [...] Yo quería estudiar para educadora, pero mi mamá [...] (me dijo) ¡mira, vete a la academia!, y como mi abuelita nos costeara la carrera a todos los nietos que entrábamos ahí, no nos cobraba y muchas veces, hasta ella misma nos compraba las libretas, fue muy buena persona. (Blanca, Entrevista personal, abril 2015).

Uno de los aspectos que también resalta en los testimonios de mujeres egresadas de academia comercial es el agradecimiento a muchas personas cercanas a la actividad educativa (dueños, directoras, profesoras, parientes) que de forma solidaria apoyaron a estas mujeres proporcionándoles los medios materiales y el apoyo emocional que requiere el estudio y que no tenían en sus hogares de origen.

Por último, María actualmente tiene 80 años, egresada de la generación 1958-1960 (periodo de consolidación) de una academia de la capital del estado, ella resalta en su relato cómo las mujeres se animaban las unas a las otras a estudiar y trabajar, además de cómo esta opción se presentó como única y representó no sólo oportunidades de trabajo sino movilidad social y estabilidad financiera.

En su testimonio hace referencia al esfuerzo que realizó para trabajar y estudiar al mismo tiempo, lo cual no le dejó tiempo para socializar como cualquier estudiante:

Yo empecé a trabajar en la tienda de telas que estaba en (el jardín) independencia, la que es ahora una tienda de mercería [...] Le echaba yo muchas ganas a estudiar y trabajar. Así que ponía el reloj a las tres de la mañana y me venía yo aquí a la sala a hacer la tarea de taquigrafía, y como 15 o 20 minutos para las siete ya me iba a la clase de español y aritmética. [...] El ambiente en la academia era muy bonito, [...] no hice mucha vida social con mis compañeras [...] porque yo tenía que trabajar, y mi horario era de diez a dos de la tarde y luego de cuatro a ocho, pero a mí me dejaban llegar a las cinco. Acabándose la clase yo me iba al trabajo, no socialicé mucho con las muchachas por ese detalle. (María, Entrevista personal, mayo 2014)

Los estudios comerciales les abrían oportunidades de trabajo que no hubieran tenido sin ellos, en el caso de María eso se hizo evidente pues de inmediato obtuvo excelentes trabajos.

Y luego Luisa me dijo: ¡hay vacantes en teléfonos!, tal día van a hacer el examen, ve con María M.; que en paz descansa, era la del sindicato, dile que yo te mando, para que te puedan (tomar en cuenta) para el examen. Y ya hice el examen, a los poquitos días que salí de la academia, que sería, como a los ocho días más o menos, no recuerdo la fechas pero, ahí más o menos, me llamaron a examen. Y luego, Roberto mi hermano trabajaba en Recursos Hidráulicos me dijo que iba a haber examen para secretaria, que ya me había propuesto; y me dijo, tal día y tal día, y también allí en teléfonos tal día es el examen, ¡válgame Dios! casi ¡juntitos, juntitos! uno a otro, y en los dos hice examen, y en los dos con el favor de Dios me quedé, me aceptaron. Y ahí me tiene, hay ¿en cuál me quedaré?, ¡hay Dios! [...] No pues las muchachas dicen

que tales y cuáles son las condiciones de Teléfonos y que hay jubilación, y hay muy buenos sueldos, mejor que otros por acá, y dijo mi hermano: ¡pues me tienes que decir, porque yo le tengo que decir al ingeniero si vas o no vas! y toda la noche estuve pensando y al otro día, no, pues me quedo en Teléfonos. Y ahí empecé el 19 de septiembre de 1960, y me jubilé el día 5 de mayo de 1990. (María, Entrevista personal, mayo 2014)

María ejemplifica la estabilidad e independencia financiera, que proporcionó la educación comercial a algunas jóvenes. La entrevistada se jubiló a los 30 años de servicio, comenta también que no fue porque deseara hacerlo, sino porque al ser madre soltera de dos niños, no obtuvo más apoyo familiar por parte de su madre para el cuidado de sus hijos y además tuvo que tomar la decisión de jubilarse después de que esta falleciera. Entonces tuvo que optar por la jubilación para así poder dedicarse a las actividades de cuidado de tiempo completo.

5 | CONCLUSIONES

Gracias a que las academias comerciales privadas desarrollaron un modelo educativo eficiente, bien vinculado al sector productivo, la colocación laboral de sus egresadas fue un proceso rápido y exitoso, ello que permitió su crecimiento y expansión territorial. De esta forma, los estudios comerciales se posicionaron velozmente como una opción económica y rápida de incorporación al mundo del trabajo asalariado para los y las jóvenes, pero en especial para las mujeres.

Algunas características de esta oferta educativa tales como su corta duración, flexibilidad de horarios y aceptación de alumnado con sólo educación básica (primaria y posteriormente secundaria), además de su orientación hacia funciones con alta carga simbólica de género contribuyeron, a la predominancia de mujeres en sus aulas. Lo anterior contribuyó finalmente a que la gran mayoría de las egresadas tuvieran durante su vida un medio de subsistencia social y económicamente bien valorado que les permitió mejorar sus condiciones de vida, hacer frente a adversidades que se les presentaban y legarles a sus hijos educación y la posibilidad de un nivel de vida muy superior al que tenían las egresadas tal y como lo manifestaron los testimoniales presentados en este trabajo.

REFERENCIAS

BENÉT, Mary. **El Guetto de las secretarias**. España: Kairós, 1972.

COPPER, J.; DE BARBIERI, T.; RENDÓN, T.; SUAREZ, E. y TUÑÓN, E. (Comp.). **Fuerza de trabajo femenina urbana en México**. Características y tendencias. México: Miguel Ángel Porrúa, 1989.

CHÁVEZ, Marina. **Trabajo femenino, las nuevas desigualdades**. México: UNAM/ Instituto de Investigaciones Económicas, 2010.

GARCÍA, Brígida. **Mujer, género y población en México**. México: El Colegio de México, Sociedad Mexicana de Demografía, 2000.

GONZÁLEZ, María Luisa. **Mitos y realidades del mundo laboral y familiar de las mujeres mexicanas**. México: Siglo XXI, Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Sociales, 1997.

GUTIÉRREZ, Norma. **Mujeres que abrieron camino, La educación femenina en la ciudad de Zacatecas durante el porfiriato**. Zacatecas: Universidad Autónoma de Zacatecas, 2013.

Instituto Nacional de Estadística y Geografía [INEGI]. **Indicadores Sociodemográficos de Zacatecas (1930-2000)**. México: INEGI, 2005.

LÓPEZ, Abel Ricardo. Empleados, mujeres de oficina y la construcción de las identidades de clase media en Bogotá, 1930-1950. **Anuario colombiano de Historia Social y de la cultura**, Bogotá, N. 30, pp. 223-262, junio 2003.

MONTES, Rafael. Aquellas academias que formaban secretarías ejecutivas bilingües. **El Financiero**, México, D.F., 15 julio 2014.

QUEIROLO, Graciela A. Mujeres en las oficinas. Las empleadas administrativas: entre la carrera matrimonial y la carrera laboral (Buenos Aires, 1920-1950). **Diálogos**, Brasil, v.16, n. 2, pp. 417-444, mayo-agosto 2012.

SÁNCHEZ, Alma. **La mujer mexicana ante el umbral del siglo XXI**. México: UNAM, 2003.

SCOTT, Joan W. **La mujer trabajadora del siglo XIX**. Vol. 4 de Historia de las mujeres. México: Taurus, 2005. Disponible en http://www.fhuc.unl.edu.ar/olimpistoria/paginas/manual_2009/docentes/modulo1/texto3.pdf. Consultada en 28 marzo 2015.

Archivos consultados:

- Particular de Luis Eduardo Luévano Vega.
- Archivo Histórico de la Benemérita Escuela Normal "Manuel Ávila Camacho"- AHBENMAC.
- Acervo Hemerográfico de la Biblioteca "Mauricio Magdaleno"- AHBMM.
- Archivo del Departamento de Centros de Capacitación para el trabajo de la Secretaría de Educación del estado de Zacatecas. SEDUZAC- ADCC.
- Archivo del Poder Legislativo del Estado de Zacatecas- APLEZ.

Entrevistas presentadas:

- Laura, Entrevista personal, abril 2014.
- Graciela, Entrevista personal, abril 2015.
- Ana, Entrevista personal, mayo 2015.

Alejandra, Entrevista personal, julio de 2014.

Cristina, Entrevista personal, junio de 2015.

Blanca, Entrevista personal, abril 2015.

María, Entrevista personal, mayo 2014.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Ação social 87, 88, 89, 90, 91, 93, 94, 96, 97

Ações afirmativas 196, 197, 198, 199, 200, 201, 204, 205, 206, 208, 209, 210, 211

Administração 18, 19, 22, 27, 31, 75, 86, 98, 99, 100, 104, 130, 131, 145, 180, 200, 201, 202, 203, 204, 207, 228, 235, 236, 238, 249, 266

Adolescência 212, 213, 215, 221, 223, 224

Adolescente(s) 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224

Alunos com deficiência 226, 228, 229, 232, 234

Ambiente organizacional 17, 18, 21, 22, 25, 26, 27

B

Bacia de Campos 134, 138, 139, 141

Brasil 20, 21, 27, 28, 31, 34, 36, 37, 39, 41, 42, 76, 77, 79, 83, 84, 86, 88, 90, 94, 101, 102, 103, 104, 130, 131, 146, 147, 149, 162, 163, 164, 166, 167, 168, 169, 172, 176, 194, 197, 198, 199, 200, 203, 209, 210, 211, 213, 216, 218, 219, 220, 223, 224, 227, 234, 238, 247, 249, 250, 254, 258, 259, 264

C

CODEM 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98

Conhecimento 19, 20, 21, 79, 112, 148, 150, 151, 162, 163, 164, 165, 169, 201, 230, 240, 243, 245, 252

Consultoria 17, 18, 19, 20, 21, 24, 25, 26, 27, 103, 169

Cooperativas 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 137, 258, 263, 266

Custos 134, 135, 215, 236, 238, 239, 240, 241, 243, 246, 247, 249, 250, 251, 255, 256, 257, 262, 263

D

Desenvolvimento 1, 17, 20, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 40, 41, 42, 75, 77, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 95, 96, 97, 98, 99, 104, 107, 113, 133, 134, 136, 137, 138, 145, 146, 147, 148, 150, 151, 152, 154, 155, 159, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 169, 170, 197, 201, 207, 209, 213, 215, 228, 230, 233, 234, 239, 241, 247, 266

Desigualdade social 196, 197, 198, 208, 209, 210

E

Educação empreendedora 163

Empreendedorismo 152, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 169

Empresa de *facilities* 226, 230, 231, 234

Empresa Júnior 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170

Ensino 134, 149, 164, 165, 169, 180, 200, 205, 207, 208, 209, 218, 219, 220, 223, 224, 226, 228, 229, 232, 233

Escola 197, 201, 204, 205, 207, 209, 212, 213, 215, 216, 217, 218, 220, 221, 222, 223, 231, 232, 233, 266

F

Fronteira 28, 29, 30, 31, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 98, 131

Fundo público 28, 29, 30, 31, 33, 34, 35, 36, 38, 40, 41, 42

G

Gestão 19, 21, 22, 27, 43, 89, 96, 100, 101, 104, 134, 136, 137, 163, 165, 169, 170, 180, 201, 204, 208, 226, 229, 231, 236, 238, 239, 240, 241, 242, 245, 246, 247, 248, 249, 251, 266

H

Hospital 236, 237, 240, 241, 244, 246, 247, 248, 249, 250, 252, 253, 255, 256, 257, 259, 263, 265

I

IBOVESPA 75, 76, 77, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86

Inclusão social 162, 197, 199, 226, 229, 234

Inovação 95, 96, 148, 150, 151, 152, 155, 159, 166, 180, 226, 229, 266

L

Local 56, 57, 58, 59, 60, 62, 63, 64, 66, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 89, 94, 99, 113, 120, 134, 137, 138, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 154, 155, 162, 179, 184, 185, 202, 203, 204, 208, 226, 227, 249

M

Médico 190, 203, 250, 251, 252, 253, 256, 257, 258, 262, 263, 264

MEI 148, 149, 150, 153, 158, 160, 161, 162

Mercado 18, 19, 20, 22, 25, 29, 32, 46, 48, 49, 57, 68, 75, 76, 77, 78, 79, 83, 84, 86, 89, 148, 149, 155, 156, 165, 166, 167, 168, 169, 197, 210, 227, 250, 253, 256, 264

Minas Gerais 42, 134, 212, 213, 214, 216, 218, 219, 220, 222, 226, 228, 229

Motivação 17, 18, 23, 24, 25, 26, 89, 160, 227

Municípios 28, 29, 30, 31, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 43, 88, 97, 100, 101, 102, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 112, 113, 114, 128, 130, 134, 138, 139, 140, 141, 142, 144, 145, 146

N

Norte Fluminense 134, 138, 139, 140, 141, 145, 147

O

Operação Lava Jato 75, 76, 78, 79, 82, 83

Orçamento 31, 32, 104, 109, 135, 143, 145, 146, 250, 256

Organização 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 30, 31, 33, 34, 102, 103, 138, 150, 151, 152, 154, 206, 212, 220, 238, 246, 251, 258, 259, 264

P

Paciente 236, 237, 238, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 248, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 263

Pagamento 79, 103, 106, 139, 140, 144, 145, 249, 251, 252, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 261, 262, 263, 264, 265

Paraná 89

Petróleo 78, 134, 138, 139, 140, 141, 143, 145, 146, 147

Políticas públicas 31, 33, 40, 41, 88, 95, 97, 98, 104, 134, 135, 136, 138, 146, 147, 150, 154, 180, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 204, 209, 210, 211, 214, 222, 228, 229, 253, 266

Políticas sociais 28, 29, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 40, 41, 42, 43, 134, 135, 139

Processos 17, 18, 19, 21, 22, 23, 26, 29, 31, 35, 89, 112, 155, 156, 162, 169, 198, 204, 205, 209, 212, 213, 236, 240, 242, 243, 247, 251

Q

Qualidade 22, 25, 32, 45, 87, 88, 91, 94, 95, 96, 97, 98, 114, 137, 151, 165, 167, 204, 207, 212, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 243, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 264

R

Rastreabilidade 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248

Rede 78, 148, 150, 152, 154, 156, 157, 158, 159, 162, 166, 169, 197, 200, 210, 216, 226, 228, 229, 231, 233

Remuneração 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 265

Rendas petrolíferas 135, 141, 142, 143, 144, 145, 146

Rio Grande do Sul 28, 29, 30, 34, 41, 42, 75, 131

Royalties 57, 134, 139, 140, 141, 142, 143, 145, 146

S

Saúde 28, 29, 34, 35, 38, 39, 40, 41, 78, 83, 86, 88, 92, 95, 101, 102, 103, 105, 110, 113,

116, 127, 131, 132, 133, 144, 197, 213, 214, 220, 222, 223, 224, 228, 231, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 246, 248, 249, 250, 251, 252, 254, 255, 256, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 265

Sociedade 1, 29, 31, 33, 41, 42, 44, 76, 87, 88, 89, 92, 94, 96, 97, 98, 99, 104, 108, 131, 136, 137, 148, 150, 164, 165, 166, 169, 198, 200, 209, 210, 222, 227, 228, 229, 234, 266

T

Taxa de câmbio 75

U

Universidade 17, 28, 75, 86, 87, 99, 130, 134, 164, 169, 196, 210, 211, 212, 216, 223, 224, 226, 249, 259, 266

V

Violência 134, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224

AD MI NIS TRA ÇÃO:

2

Estudos organizacionais e sociedade

🌐 www.atenaeditora.com.br

✉ contato@atenaeditora.com.br

📷 @atenaeditora

📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br


Atena
Editora
Ano 2021

ADMINISTRAÇÃO:

2

Estudos organizacionais e sociedade

🌐 www.atenaeditora.com.br

✉ contato@atenaeditora.com.br

📷 @atenaeditora

📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br


Atena
Editora
Ano 2021